

A MOÇA DO QUARTO ANDAR

Eugênia Menezes

Todos nós queremos partir para uma pátria diferente.
Nesses alforjes levamos nossa antiguidade, nossa raiz.
Queremos esquecer tudo e nascer de novo em outra terra,
onde viver não seja uma condenação.
Manuel Scorza

Eu não gostaria que se chamasse Ana Rosa, disse o Pai, depois de ouvir todo o alvoroço familiar. Afinal, poderemos homenagear sua mãe de outra forma. Maria Rosa, Rosa Maria, todos esses nomes me trazem lembranças amargas.

Ele tem razão, disse a Tia. Não é de veneta que a sabedoria do povo diz para não repetir nome que não vinga.

A Mãe, que comandava a escolha, deu um muxoxo. - Tudo credice boba, superstição de gente ignorante. O que mata as pessoas é doença, não nome. Por mim bota qualquer coisa que tenha Rosa.

O Pai insistiu: mãe por mãe, que seja o da minha. Até agora ninguém se lembrou dela, e era tão boa. Vão dizer que o nome é feio, nome de velha...

E é mesmo, Pai. Para acabar com a peleja, eu decido. Tem uma menina interna como eu no Colégio que se chama Rossana, um nome moderno, e minha mãe se aquieta com a semelhança.

*

Assim foi batizada Rossana, em dia de festa. Cresceu só com os pais, os irmãos estudando fora, ela a ver-se no espelho. Muito complicada aquela história de acharem seus olhos parecidos com os de Maria Rosa: a boca, diziam, era todinha a de Rosa Maria. Podem olhar nas fotos, diziam.

Rossana à mercê dos olhos de alguém, da boca de alguém, um espelho que não definia quem estava à sua frente, um espelho perplexo e frio, alheio a seu sofrimento diário. Um espelho inimigo, que lhe entregava empréstimos, uma soma de empréstimos, nada que lhe pertencesse de papel passado. Tinha verdadeira obsessão por fotos, muitas fotos. Queria ver o álbum de família, mas não era coisa para menino mexer que termina rasgando, vá brincar, deixe de ser teimosa, as únicas disponíveis e visíveis eram aquelas duas em moldura oval. Além, é claro, da galeria de avós, o pai e a mãe no dia do casamento.

Aos nove anos Rossana adoeceu, ficou em coma por vários dias. Quando afinal voltou a circular pela casa, fechando os olhos sem suportar a claridade, primeiro buscou o relógio da sala, pois seu primeiro elo com o mundo depois do acontecido foram suas badaladas sonoras e graves, como a lembrar-lhe a marcha do tempo, e, quem sabe, o que já havia perdido. Procurou depois, com ansiedade, o canto da sala onde residiam os mistérios daquela casa: o rádio com grade de madeira amordaçando o tecido espesso e cinza, de onde saíam vozes sabe Deus vindas de onde, e os dois retratos em moldura oval acima do rádio.

O rádio falava de tudo: de guerras, de Melhoral que é melhor e não faz mal, de artistas, do Trio Regina - sabonete, talco e colônia -, das pílulas de vida do Dr. Ross. Tocava músicas lindíssimas, mas o maior sucesso era o Repórter Esso, que o Pai ouvia cercado de amigos. Nessa hora fazia-se mais um grande silêncio, uma de suas poucas exigências na vida. Das fotos nada se dizia: cada manhã, a Mãe colhia no jardim um lírio branco e o colocava entre as duas molduras. Tinha o cuidado de mudar a água do jarro, um lado plano para encostar na parede. Quando o pé de lírio aparentemente morria, como fazem os lírios todos os anos, ao esperar que o bulbo acordasse de sua

hibernação, a Mãe trazia ramos de rainha-do-prado. Mas Rossana sentia que os lírios lhe davam maior conforto, até para arrumá-los.

*

A outra quase se vai também, não foi? Deus seja louvado que essa escapou.

A partir desse dia Rossana incorporou mais um item aos seus poucos saberes: soube que ela era a Outra. Começou, com afinco, a procurar a Não-Outra.

A mãe chamou-a para fazer as tranças. -Mãe, por que as tranças são feitas de três pedaços? -Que besteira, menina, toda trança é assim.

Deveria enfeitar-se para esperar a avó que vinha para o Dia de Finados. Os restos mortais do avô estavam no túmulo onde, logo que aprendeu a ler, encontrou também os nomes de Rosa Maria e Maria Rosa. Os nomes, porque os restos mortais circulavam pela casa, aspiravam o perfume dos lírios, o vermelho da rainha-do-prado. Pousavam no seu rosto como posavam nas fotos.

A avó, que trazia presentes para todos os netos, deu a Rossana um diário.

*

Antes Rossana falava consigo própria. Agora, escrevia para si mesma. E foram muitos diálogos travados em meio a dissabores, odores, horrores. Houve momentos em que seu corpo parecia dilacerar-se com a palavra, a mão hesitante em escrever o sacrilégio, o pecado, o desrespeito, a insolência, as descobertas. Momentos de júbilo, ao encontrar no caminho estilhaços do que poderia ter sido, ou vir a ser.

*

Em sua escrita, nota-se com freqüência alusão à palavra rosto.

“Tempo de reencontro com o abrigo da infância, povoado por círculos de luz que vagarosamente se deslocam ao longo dos muros, ou pousam sobre o chão ladrilhado de estrelas que se atrelam aos pés descalços. Vozes ajudam a formar o aconchego do berço, onde a expectativa angustia o rosto desejoso de ser descoberto.”

São também freqüentes referências ao conjunto de palavras que dão idéia de abrigo: útero, casa, morada, habitação. “Não saberia precisar quando começou meu intento de ter uma casa. Sei apenas que tem a força de um desejo e a impetuosidade de uma conquista. Essa imagem, esparsa no tempo, parecia uma miragem, pois tão sorratamente como chegava, partia, restando dela uma lembrança tênue.”

*

A voz do primeiro namorado dizendo-lhe: - Você tem os olhos cor de avelã - tem a conotação do primeiro alumbramento.

Observando-se com atenção os textos de Rossana, fica evidente que o tema da casa passa a ser recorrente. Não há uma evolução linear do projeto da casa; ao contrário, há uma evidente flutuação do desejo, sendo a expectativa considerada viável em alguns momentos, em outras apenas um devaneio. “Por um tempo a morada esmaeceu em meu pensamento. Eu sentia como se quisesse encontrar, vivendo em sua guarda, os hiatos de minha existência.” (...) “Percebi que não poderia afastar-me de meu sonho porque ele estava incorporado ao meu destino.”(...) “Mas não sou sua proprietária (da casa). O que veio do sonho ao sonho pertence.”

É possível identificar, a partir de certo ponto do relato, uma aproximação entre rosto e casa. Os dois termos aparecem interligados, não numa associação direta, mas entrelaçados com freqüência. “Aquela casa perdera o cedro do nascente e suas misteriosas flores de madeira. Dela eu

avistava o rosto do gigante de pedra de minha infância, e de lá parti por muitos caminhos.” (...) “Ao voltar das excursões não me reconheciam. Meu rosto começava a conhecer o mundo; eu ouvia meu coração e a água que cantavam, enquanto meu corpo incandescia na insônia e percorria a casa.”

Há um terceiro elemento que se incorpora ao discurso. É possível que o fato ocorra simultaneamente à citação de um elemento masculino, não nomeado mas incluído ao contexto. A relação associativa passa a ser rosto-casa-corpo. Nota-se também que o projeto passa de pessoal a partilhado. “Aquela casa, construída na aparente serenidade da cadeira de balanço no quarto escuro, cheia de luz, alumia os olhos de seu construtor.” (...) “Abrigo do sol, chuva e, mais que isso, um ninho, ela pinta diferentemente o rosto de seu habitante, que (...) no retorno encontra a mulher feita de urzes, despida de azul.”

*

Rossana registrou muitos de seus sonhos no diário. Sonhos que envolviam casas festivas e desconhecidas. Numa delas não era possível colocar móveis nem fotos, porque havia portas abertas por todos os lados, e os estreitos espaços entre elas eram espelhados, alguns paralelos. Assim, ela se via sempre, multifacetada, múltipla, inumerável.

“Surpreendi-me ao encontrar no espelho um rosto definido. Feições precisas, embora pouco delicadas. Visitei cada marco. Perguntei-me como possuía, agora, o que sempre desejara.”

*

No último sonho registrado, Rossana, que nunca morara em apartamento, mudara-se para um prédio situado numa colina arborizada. Ao aproximar-se do elevador, foi abordada por uma criança de tranças, que lhe perguntou: - Você tem os olhos verdes? Respondeu, rindo: cor de avelã. -

Você é quem? voltou a perguntar a menina. Disse apenas: - eu sou a moça do quarto andar.

